

REUTILIZO OU JOGO FORA? análise da repercussão do COVID-19 no manejo dos resíduos plásticos domiciliares pelas lentes das práticas

1 INTRODUÇÃO

A propagação do vírus SARS-CoV-2 pelo mundo deu origem a uma pandemia global de profundos impactos sociais, econômicos e sobretudo na saúde (WHO, 2020). As restrições decorrentes do combate à disseminação do COVID-19 têm sido desafiadoras em diferentes questões, inclusive na gestão dos Resíduos Sólidos Urbanos [RSU] (Klemeš et al., 2020), com consideráveis consequências, em sua maior parte negativas, nas práticas de reutilização e redução (Ikiz et al., 2021).

No Brasil, em período anterior à pandemia, conforme a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais [Abrelpe] (2019), 380 quilos de resíduos foram gerados por cada indivíduo em 2018, resultando em 79 milhões de toneladas. Do montante final de resíduos coletados neste mesmo ano, somente 59,5% (43,3 milhões de toneladas) foram destinados adequadamente em aterros sanitários (Abrelpe, 2019) e apenas 67.048 toneladas, em média, foram coletados por cooperativas e associações para processo de reciclagem (Ancat & Pragma, 2019).

Em previsões elaboradas em um cenário prévio à pandemia, a geração de resíduos já apresentava tendências de aumento para os anos posteriores (Abrelpe, 2019), uma vez que o crescimento populacional e elevação do consumo *per capita* em áreas urbanas e países em desenvolvimento tendem a impulsionar a geração de resíduos (Jambeck et al., 2015). Com esse novo fenômeno mundial, já despontam projeções de considerável acréscimo no quantitativo de resíduos domiciliares (Abrelpe, 2020).

Dentre os resíduos domiciliares gerados, os plásticos desempenham um papel de grande destaque e, desde seu surgimento, por volta de 1950, até 2015, estima-se que já foram gerados 6300 milhões de toneladas de resíduos plásticos no mundo todo, dos quais 79% foram acumulados em aterros ou no ambiente natural (Geyer et al., 2017). As sacolas, que são consideradas como itens plásticos de uso único, possuem uma vida útil que varia entre menos de um ano a menos de três anos (Wit et al., 2019) e avalia-se que anualmente são consumidas entre 500 bilhões e um trilhão de sacolas no mundo todo (Gogte, 2009).

Em vista do aumento dos serviços de entrega em domicílio de produtos considerados essenciais em decorrência da pandemia, tem-se presenciado uma elevação no consumo de sacolas plásticas descartáveis (Sharma et al., 2020). Geralmente as sacolas plásticas de supermercado são fabricadas com polietileno de alta densidade e aditivos orgânicos e inorgânicos de grande impacto prejudicial ao meio ambiente (Morales-Méndez & Silva-Rodríguez, 2018), no entanto, suas características de resistência, baixo custo e forma higiênica de transporte de mercadorias (UNEP, 2018) dificultam a sua substituição por outras alternativas a curto prazo (Ahamed et al., 2021).

O reuso das sacolas plásticas de supermercado se apresenta como uma das alternativas de minimização do seu impacto, diante da impossibilidade de sua total substituição em um pequeno intervalo de tempo, já que esta exige alternativas mais complexas voltadas para uma avaliação crítica de todo o seu ciclo de vida, tocando em aspectos como iniciativas de prevenção de resíduos, gestão eficiente de recursos, redução da pegada ambiental e tomada de decisões políticas (Ahamed et al., 2021)

As sacolas plásticas simbolizam um compromisso com o consumo sustentável no qual mudanças de comportamento sob esse aspecto podem representar uma contribuição de maior efeito para o alcance de um futuro mais sustentável (Ritch et al., 2009), dado que o enfoque no comportamento humano é essencial para a busca de soluções fundamentadas numa perspectiva multidisciplinar, como é o caso da problemática dos plásticos (Heidbreder et al.,

2019). Dessa forma, o estudo de mudanças nos hábitos de seu consumo oferece oportunidades de verificação de possibilidades de alinhamento de suas práticas inerentes aos seus padrões de produção e consumo com vistas ao alcance do desenvolvimento sustentável.

As práticas referentes ao consumo sustentável são abordadas nas Teorias de práticas em trabalhos como os de Spaargaren (2011), Hargreaves (2011), Sahakian e Wilhite (2014), no entanto, num contexto pandêmico, essa teoria encontra-se ainda em estágio embrionário. Considerando essa circunstância e sua significância por retratar um fenômeno em tempo real, esta pesquisa aplica as lentes das práticas para responder o seguinte problema: Como a pandemia do COVID-19 tem afetado o reuso de sacolas plásticas de supermercado? Assim, seu objetivo é examinar o impacto da pandemia do COVID-19 no reuso de sacolas plásticas de supermercados entre consumidores brasileiros por meio das lentes das práticas.

Nesse intuito, foi realizada uma pesquisa de inspiração etnográfica com base nas experiências de 30 informantes brasileiros que antes da pandemia do COVID-19 tinham como hábito a reutilização das sacolas plásticas de supermercado.

Este artigo fornece uma visão do processo de mudança do comportamento do consumidor em relação ao tratamento dado no reuso das sacolas plásticas na situação de quarentena, isolamento e distanciamento social decorrentes da pandemia do COVID-19, contribuindo, desse modo, para a literatura do comportamento do consumidor em contexto de crise, bem como no tocante aos resíduos domiciliares.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Consumo de sacolas plásticas de supermercado

Dunn, Caplan e Bosworth (2014) salientam que as sacolas plásticas de supermercado encontram-se presentes em todos os lugares. Elas, dentre outros tipos de produtos plásticos descartáveis, são produzidas com o intuito de manuseio único antes do descarte ou reciclagem (Wit et al., 2019) gerando montantes elevados de resíduos, além de provocarem problemas a longo prazo no meio ambiente quando seu descarte é realizado inadequadamente (Thomas et al., 2019). No entanto, em alguns lares elas são reutilizadas e essa reutilização se constitui como uma forma de redução do seu impacto ambiental (Ahamed et al., 2021), social e econômico (Ritch et al., 2009).

A reutilização é uma das ações integrantes da política dos 5 R's, que visa contribuir na minimização dos danos gerados pelos resíduos provenientes do consumo através da conscientização dos indivíduos e é composta pelas seguintes ações (Ministério do Meio Ambiente, 2017): a) repensar a necessidade de consumo e padrões de produção e descarte adotados; b) recusar possibilidades de consumo desnecessário e produtos que gerem impactos significativos; c) reduzir de forma a evitar desperdícios, consumir menos produtos, dando prioridade aos que ofereçam menor potencial de geração de resíduos e tenham maior durabilidade; d) reutilizar para que tudo o que estiver em bom estado seja reaproveitado; e) reciclar para proporcionar a transformação de materiais usados em matérias-primas para outros produtos.

Em um contexto pandêmico, além do uso das sacolas plásticas se deparar com a possibilidade de aumento do seu uso, já que em decorrência da pandemia do COVID-19, estima-se que as taxas de produção de resíduos domiciliares se elevem de 15 a 25% em comparação ao ano anterior devido às medidas de quarentena, isolamento e distanciamento social (Abrelpe, 2020), e as sacolas plásticas de supermercado se incluem nesses resíduos, as práticas de seu reuso também enfrentam o desafio de ficarem comprometidas, uma vez que diante dessa conjuntura os processos inerentes ao consumo estão sujeitos a perturbações substanciais (Sheth, 2020). Essa condição inédita pode incutir em elevação de gastos em itens

(Martin-Neuninger & Ruby, 2020), maior geração de resíduos domiciliares (Ouhsine et al., 2020) e aumento do descarte de embalagens plásticas (Patrício Silva et al., 2020).

Além de Patrício Silva et al. (2020), que investiga a necessidade de reajuste das políticas de gestão de resíduos plásticos nesse período, essa preocupação com o volume de resíduos plásticos gerados em decorrência da pandemia do COVID-19 é trabalhada por autores como Klemeš et al. (2020), que se debruça nas possibilidades que a pandemia pode apontar como catalisador no gerenciamento de resíduos plásticos pelo mundo; Vanapalli et al. (2021) exploram os desafios e estratégias na sua gestão eficaz; enquanto que no campo dos resíduos domésticos, Ikiz et al. (2021) examinam o impacto do COVID-19 no tratamento dado a esse tipo de resíduo em edifícios residenciais; e Ouhsine et al. (2020) avalia esse impacto na geração desses resíduos e nos hábitos de consumo.

Shove (2003) ressalta que tanto o consumo como a prática doméstica estabelecem uma estreita relação no circuito reprodutivo do que os sujeitos consideram dentro da normalidade e, da mesma forma, modos de vida comuns. Assim, o comportamento do consumidor em um cenário pandêmico encontra-se atrelado a diferentes questões e um entendimento de como essas questões podem afetar esse comportamento exigem também uma consideração da natureza social, desta forma, propõe-se as lentes das práticas para o estudo das práticas de reuso das sacolas plásticas de supermercado.

2.2 Teorias de práticas

As Teorias de Práticas é uma escola de pensamento (Hui et al., 2017) na qual a ‘prática’ representa para a vida social um aspecto fundamental (Schatzki, 2005a, 2015) e seus conjuntos de ações constituintes tem sua compreensão pautada nos ‘dizeres’ e ‘fazerem’ referentes a essas ações (Schatzki, 2005b). A ‘prática’ remete não somente a ações organizadas, ela também insere essas atividades humanas sequenciadas em contextos sociais e materiais (Hui et al., 2017). Ademais, as práticas paulatinamente vêm concebendo seus espaços de reprodução na vida social (Schatzki, 2015).

Por ser aplicada e estudada em diferentes áreas, ela apresenta abordagens distintas, destacando-se como um dos poucos consensos o caráter de diversidade ao qual a abordagem das práticas se encontra (Schatzki, 2005a): desde a última década do século passado até o presente momento seu arcabouço teórico tem se desenvolvido em inúmeras áreas como a educação, geografia, história, arte, sociologia, ciência política e estudos organizacionais (Hui et al., 2017) contando com obras de autores como Giddens (1984), Bourdieu (2011), Schatzki (2002), Reckwitz (2002), Nicolini (2012, 2017), Gherardi (2019) e Shove, Pantzar e Watson (2012).

Múltiplos são também os fenômenos aos quais os estudos dessa abordagem se debruçam, como o consumo, o aprendizado, o ensino, as profissões, a migração, as organizações, as relações internacionais, a sustentabilidade e o uso de energia (Hui et al., 2017). Warde et al. (2017) destacam a importância do papel que essa teoria tem desempenhado na evolução das discussões na área do consumo.

No consumo, a análise das práticas muitas vezes é operacionalizada baseando-se em seus elementos constituintes. Existem diferentes formas de estruturação desses elementos e neste estudo será utilizada a de Shove et al. (2012), onde os elementos constituintes das práticas são formados por três conjuntos: os **materiais** (i.e. a “materialidade” que permite a prática, objetos, infraestrutura, ferramentas, parte física dos equipamentos e o próprio corpo), **significado** (i.e. atividades mentais, emoções e o conhecimento motivacional, teleafetividade) e **conhecimento prático** (i.e. entendimentos compartilhados socialmente sobre um bom e adequado desempenho, e as competências necessárias a esse desempenho).

Posto que a solução para a problemática da produção e utilização do plástico requer o envolvimento dos indivíduos e abrange o emprego de materiais, infraestrutura, os efeitos psicológicos de intervenções, estratégias de eficiência (Heidbreder et al., 2019), bem como conhecimento, tecnologia e mudança de comportamento (UNEP, 2019), diferentes elementos das práticas são mobilizados na sua utilização. Hagberg (2016) se utiliza dos elementos das práticas para investigar a trajetória das sacolas de compras, seja ela de papel ou de plástico, e sua função contributiva na formação de diversas práticas, bem como suas transformações decorridas dos impactos dessas práticas. Considerando a atualidade e emergência de estudos no tocante à pandemia do COVID-19, identificam-se diversas lacunas para investigação.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo integrante de uma pesquisa que aborda as práticas emergentes no enfrentamento ao COVID-19. Foi utilizada uma abordagem de inspiração etnográfica (Elliott & Jankel-Elliott, 2003) para se atingir seu objetivo de analisar como a pandemia do COVID-19 tem afetado as práticas de reuso das sacolas plásticas de supermercado por meio das lentes das teorias de práticas. Em meio aos princípios educativos de diminuição do quantitativo de resíduos [i.e. política dos 5 R's: Repensar, Recusar, Reduzir, Reutilizar e Reciclar (Ministério do Meio Ambiente, 2017)], este estudo de inspiração etnográfica focará nas performances referentes aos procedimentos aplicados para a reutilização secundária das sacolas plásticas de supermercado, ou seja, o seu reuso.

A abordagem etnográfica vem sendo utilizada nos estudos investigativos da antropologia desde o início do século XIX e desde meados do século XX ela tem ganhado espaço nas ciências sociais (Rees & Gatenby, 2014). Essa abordagem busca ilustrar “uma vida cultural ou social, mundo ou experiência” (Agafonoff, 2006, p. 117).

Nesta pesquisa a coleta de dados se deu mediante registros em ‘diários solicitados’ por via digital aliados a entrevistas aplicadas durante e após o encerramento dos diários, além das anotações de diários de campo autoetnográficos. Entrevistar diariamente o informante permite que se construa uma relação e possível aprofundamento do diário (Alaszewski, 2006), além de gerar, através da combinação dos dois, uma aproximação ao método de observação participante (Zimmerman & Wieder, 1977) e a possibilidade de evidenciação de diferenças importantes (Elliott & Jankel-Elliott, 2003).

Ocorrida entre os meses de abril e julho de 2020, a realização dos ‘diários solicitados’ teve como norte a abordagem de Zimmerman e Wieder (1977) na qual inicialmente se orientou os informantes como os diários devem ser executados através de uma conversa. Posteriormente eles foram efetuando os registros num período de 15 dias e, no encerramento desse prazo, os diários foram analisados, para então ser realizada uma entrevista final com base no que foi coletado. O uso dos ‘diários solicitados’ nas ciências sociais com o propósito de uma melhor compreensão de experiências pessoais no dia a dia tem cada vez mais se difundido (Filep et al., 2018).

A definição dos tópicos do diário referentes às práticas de reuso das sacolas plásticas de supermercado buscou investigar de que forma a pandemia do COVID-19 tem afetado essas práticas, dessa forma, concentrou-se nos detalhes dessa prática por meio do registro inicial de diários de campo autoetnográficos iniciados no mês de março nos quais foram realizadas anotações sobre como se foi vivenciando o contexto da pandemia e observações referentes às práticas de reuso das sacolas de supermercado adotadas no enfrentamento ao coronavírus.

Com o apoio desses dados, realizou-se um pré-teste com um grupo composto por quatro indivíduos, a partir dos quais se teve um aprofundamento dos tópicos a serem abordados e de como os ‘diários solicitados’ deveriam ser aplicados. Realizados os ajustes para uma maior clareza de sua aplicação, deu-se início aos ‘diários solicitados’ junto a 48

participantes após sua concordância com termo de consentimento e participação em pesquisa esclarecido.

Os informantes foram convidados a relatar e registrar imagens dos procedimentos adotados na chegada das compras de supermercado à residência, se haviam estabelecido ou não algum protocolo de limpeza das sacolas plásticas no cotidiano, que mudanças ocorreram em relação ao período anterior à pandemia, suas reflexões, sentimentos, conhecimentos e artefatos utilizados na execução de suas práticas.

O grupo de participantes da pesquisa foi composto por 45 brasileiros habitantes de cinco estados brasileiros (Ceará, Minas Gerais, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Sul) captados através da técnica de “bola de neve” (Noy, 2008). Deste universo, 30 se encaixavam no perfil alvo deste estudo e participaram da pesquisa até a etapa final do período proposto. Os informantes foram codificados com a letra “I” e enumerados de um a 30, que corresponde ao quantitativo de participantes até a fase de entrevista de encerramento, de forma a preservar seu anonimato e sua confidencialidade. Seus perfis demográficos, bem como a quantidade de pessoas que estão morando com os entrevistados no período da pandemia, podem ser observados no Tabela 1:

Tabela 1. Perfil demográfico dos entrevistados

Código	Idade	Sexo	Cidade/Estado/País	Nº de moradores
I01	20	Feminino	Fortaleza/Ceará/Brasil	2
I02	21	Feminino	Fortaleza/Ceará/Brasil	3
I03	21	Feminino	Fortaleza/Ceará/Brasil	3
I04	24	Masculino	Quixeramobim/Ceará/Brasil	2
I05	25	Feminino	Fortaleza/Ceará/Brasil	2
I06	25	Feminino	Belo Horizonte/Minas Gerais/Brasil	4
I07	26	Feminino	Fortaleza/Ceará/Brasil	3
I08	27	Feminino	Fortaleza/Ceará/Brasil	4
I09	27	Masculino	Fortaleza/Ceará/Brasil	1
I10	27	Feminino	Recife/Pernambuco/Brasil	1
I11	28	Masculino	Fortaleza/Ceará/Brasil	1
I12	29	Feminino	Fortaleza/Ceará/Brasil	1
I13	30	Feminino	Fortaleza/Ceará/Brasil	4
I14	30	Masculino	Viçosa/Minas Gerais/Brasil	1
I15	32	Feminino	Fortaleza/Ceará/Brasil	0
I16	33	Feminino	Fortaleza/Ceará/Brasil	0
I17	33	Feminino	Fortaleza/Ceará/Brasil	3
I18	33	Masculino	Fortaleza/Ceará/Brasil	4
I19	35	Masculino	Fortaleza/Ceará/Brasil	3
I20	35	Masculino	Fortaleza/Ceará/Brasil	3
I21	35	Feminino	Teresina/Piauí/Brasil	5
I22	35	Feminino	Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil	0
I23	35	Masculino	Vespasiano/Minas Gerais/Brasil	3
I24	36	Feminino	Fortaleza/Ceará/Brasil	3
I25	37	Feminino	Fortaleza/Ceará/Brasil	2
I26	37	Feminino	Fortaleza/Ceará/Brasil	2
I27	37	Masculino	Fortaleza/Ceará/Brasil	0
I28	41	Feminino	Fortaleza/Ceará/Brasil	1
I29	48	Feminino	Fortaleza/Ceará/Brasil	2
I30	62	Feminino	Santa Maria/Rio Grande do Sul/Brasil	1

Fonte: Elaboração própria.

Em face de um fenômeno incomum como uma pandemia, coletar dados é uma atividade que se torna bem mais desafiadora. Nessa etapa, um dos desafios enfrentados foi a observação *in loco* da atuação dos participantes nas práticas alvo deste estudo, já que o momento exige o distanciamento social e reclusão de cada um em seus lares. Um segundo desafio foi a perseverança dos entrevistados na elaboração dos diários. Alguns dos informantes, no decorrer da fase de coleta de dados, relataram apresentar sintomas que os configurava na lista de suspeitos ou até mesmo de confirmados com COVID-19, o que impediu a continuação de uma parte destes na pesquisa.

Dessa maneira, buscou-se aplicar diversas estratégias de coletas de dados para superar esses desafios e, da mesma forma, para corresponder às demandas metodológicas exigidas pelas Teorias de Práticas, de observação do que acontece de fato quando as práticas são desempenhadas (Hargreaves, 2011). Além dos relatos escritos e gravados em áudio enviados pelos participantes através de *Whatsapp* e *Telegram*, também se fez uso de fotos e vídeos, o que permitiu a observação do desempenho corporal das práticas, bem como dos artefatos utilizados. Somando-se a essas técnicas, conjuntamente foram realizadas chamadas de vídeo via *Google Meet*. Agafonoff (2006) ressalta que, conforme a evolução tecnológica, novas técnicas como as gravações de áudio e fotografia foram sendo utilizadas na captura e comunicação de descobertas etnográficas.

A triangulação dessas diferentes fontes de dados, que Yin (2014) propõe como meio de validação de um mesmo fato ou fenômeno, viabilizou a investigação das competências, conhecimentos e emoções intrínsecas aos “fazeres” e “dizeres” das práticas de reuso das sacolas plásticas de supermercado nos ambientes domiciliares, bem como essas práticas foram impactadas no contexto da pandemia do COVID-19.

O processo de análise dos dados coletados se deu por meio de análise de conteúdo conforme proposição de Bardin (2014) de análise categorial, cujo processo compreende duas etapas: i) inventário; ii) classificação. A primeira etapa foi aplicada nesta pesquisa através do isolamento de trechos, palavras e imagens que apontassem para o processo de formação e mudanças das práticas de reuso das embalagens plásticas de supermercado no período em estudo. A etapa de classificação contou com a organização dos dados que foram isolados em categorias conforme os elementos conhecimento prático, material e significado constituintes das práticas (Shove et al., 2012) referentes ao reuso de sacolas plásticas de supermercado no contexto da pandemia do COVID-19. As etapas mencionadas possibilitaram a operacionalização do estudo para o atendimento do objetivo proposto.

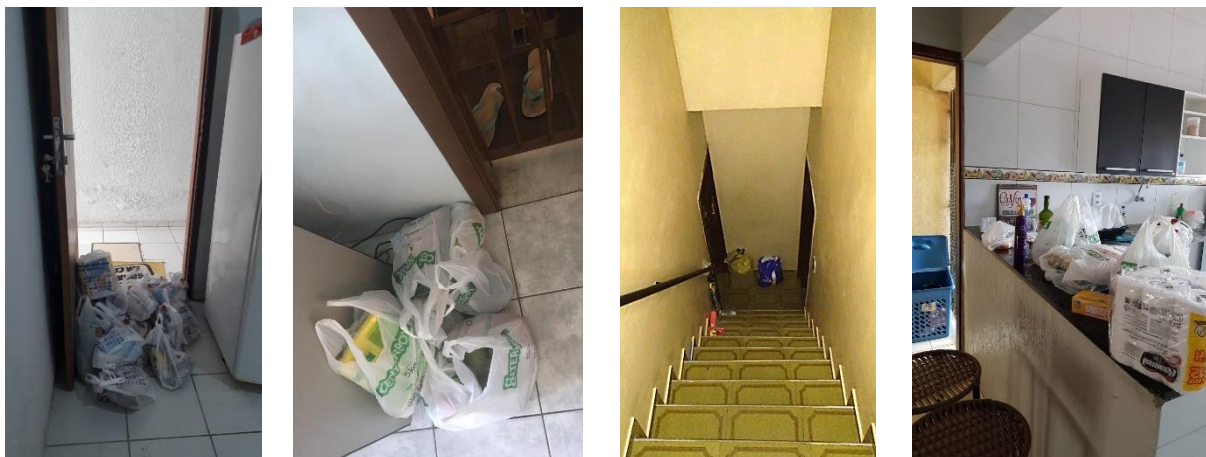
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As práticas de reuso de sacolas plásticas provenientes das compras de supermercado têm enfrentado novas barreiras em decorrência da pandemia do COVID-19. A partir dos relatos e registros obtidos junto aos informantes brasileiros, percebeu-se uma maior tendência ao descarte desse tipo de embalagem e diferentes performances para a manutenção dessa prática. Para mapear algumas formas como essas práticas estão se comportando no período do isolamento, observaram-se diferentes aspectos que remetessem aos elementos das práticas propostos por Shove et al. (2012).

A princípio, os informantes relataram um maior critério quanto ao espaço da casa no qual inicialmente as sacolas plásticas com as compras devem ser deixadas (Figura 1). O que outrora não recebia devido cuidado, no contexto atual é alvo de atenção em decorrência do risco de contaminação pelo vírus SARS-CoV-2. Percebe-se pelos registros nos diários solicitados que locais próximos da porta de entrada e saída da residência são os mais visados, seja no chão, local preferido por grande parte dos entrevistados, ou bancadas e mesas dispostas o mais próximo possível da porta de acesso. Essas redefinições espaciais para

execução das práticas em estudo se associam aos argumentos de Schatzki (2015) a respeito do componente espacial da prática, onde o autor menciona que os lugares se vinculam a entidades materiais para viabilizar as ações humanas e, dessa forma, se integram a outros elementos para a execução das práticas.

Figura 1. Fotos dos espaços nos quais os produtos dispostos nas sacolas plásticas de supermercado são deixados



Fonte: Dados da pesquisa.

Alguns informantes revelaram que passaram a dar preferência para espaços fora da casa, como jardim ou quintal, de forma impedir a entrada das sacolas no ambiente interno da residência, como exemplificados adiante:

E aí, quando eu chego em casa, [...] os produtos comprados [...] a gente colocou aqui fora na área [...] a gente tira todas as sacolas e aí depois que a gente limpa os produtos, a gente limpa as sacolas. (I07, Ceará, mulher, 26 anos).

Quando as coisas chegam, né, elas ficam aqui na porta, porque a porta já dá mesmo pra cozinha, né? Então as coisas já vem, a:: minha irmã faz a higienização na porta mesmo, né? Já tira a parte secundária [sacolas de supermercado, caixas] na porta (I19, Ceará, homem, 35 anos).

Após a retirada dos produtos adquiridos das sacolas, estas, muitas vezes passaram a ser descartadas logo em seguida (Figura 2), atividade que outrora não predominava nos lares dos entrevistados, mas que passou a ser executada prontamente, conforme apontam os seguintes relatos:

E a gente resolveu adotar o sistema de não entrar mais com as sacolas nem na cozinha, fica na área, a gente coloca, vai tirando as coisas do porta-malas, né, do carro [...] e já coloca numa outra caixa, numa caixa nossa daqui mesmo e ela que entra na cozinha, as sacolas não entram, elas ficam do lado de fora e [vão] direto pro lixo pra não ter nenhum perigo de contaminação. (I23, Minas Gerais, homem, 30 anos).

Quando as compras chegaram, a gente teve todo o cuidado, né? Pra higienizar tudo, tira primeiro todas as sacolas plásticas, joga logo tudo no lixo. (I02, Ceará, mulher, 21 anos).

As sacolas eu joga logo fora. (I28, Ceará, mulher, 41 anos).

Figura 2. Fotos dos elementos materiais dos descartes de sacolas plásticas de supermercado



Fonte: Dados da pesquisa.

Esse aumento no descarte de resíduos plásticos é um dos muitos efeitos danosos decorrentes da pandemia do COVID-19 (Klemeš et al., 2020), onde a necessidade de prontamente lidar no combate ao vírus pode deixar a sustentabilidade em segundo plano (Klemeš et al., 2020; Patrício Silva et al., 2020), daí a carência de desenvolvimento e ajustes contínuos de planos de contingência para direcionamento do futuro do plástico, uma vez que, segundo Vanapalli et al. (2021), esse afrouxamento no uso de plástico descartável, apesar de momentâneo, pode ter como consequência uma modificação permanente no comportamento do consumidor.

O processo de descontaminação das sacolas plásticas de supermercado conta com uma variedade de competências e habilidades (Figura 3). Mesmo que as sacolas não sejam reutilizadas, elas inicialmente recebem álcool ou água sanitária diluída em água borrifados por toda a sua extensão externa antes da retirada dos produtos contidos nelas, conforme relata o seguinte informante: *“Assim que entra em casa, né, tem a mesinha com álcool e aí eu borrifo álcool 70 nas sacolas [...] essa sacola de fora a gente joga fora no lixo.”* (I03, Ceará, mulher, 21 anos).

Figura 3. Fotos dos diferentes procedimentos adotados no manejo de sacolas plásticas de supermercado



Fonte: Dados da pesquisa.

A etapa seguinte segue uma das três opções: (i) descarte; (ii) acondicionamento em algum local para posterior reuso; (iii) ou mais um processo de higienização para sua reutilização. Esse segundo processo de limpeza conta com atividades como lavar com água e sabão ou deixar de molho numa solução de água sanitária diluída em água (Figura 3). As diferentes performances relatadas no processo de higienização das sacolas plásticas de supermercado para posterior reuso encontram-se ilustradas adiante:

Todos as sacolas tbm são mergulhadas no cooler [com uma solução de água sanitária diluída em água] e depois estendidas pra secar. Utilizamos elas, geralmente, para colocar o lixo. (I11, Ceará, homem, 28 anos).

A sacola de supermercado, eu utilizo pro lixo, né? É, então eu sempre utilizo pro lixo, mas quando elas chegam comigo das compras, eu higienizo elas com álcool, estendo um pouco pra, pra pegar um ventinho e secar, depois eu boto num puxa saco e aí do puxa saco eu utilizo pro lixo, do banheiro e da cozinha, né? (I22, Rio Grande do Sul, mulher, 35 anos).

Quando a gente traz tudo, a gente lava as sacolas, bota elas de molho no sabão e lava a embalagem, cada uma. [...] Eu deixo de molho, é:: num balde com água e sabão, a gente deixa de molho lá e depois bota pra secar no varal, porque a gente precisa dessas sacolas pra colocar o lixo fora. (I05, Ceará, mulher, 25 anos).

As sacolas, a gente até que ainda tem reutilizado para o lixo, as sacolas de supermercado, a gente re/ a gente passa a água sanitária em tudo que chega, enquanto está fechado ainda a gente passa água sanitária por fora das embalagens, tanto seja caixa como seja sacola. As sacolas, a gente depois da água sanitária, a gente deixa elas, tipo, num varal e elas ficam lá uns dois, três dias, depois a gente pega pra utilizar pra saco de lixo, essas coisas. (I18, Ceará, homem, 33 anos).

As sacolas, é um pouco complicado lá em casa porque as sacolas a mãe quer usar pra jogar lixo, né, jogar o lixo fora, aí o que é que eu faço [...] eu pego, lavo a sacola, [...] a gente lava a sacola, deixa secar, deixa lá fora, que é pra quando quiser colocar o lixo. (I21, Piauí, mulher, 35 anos).

As embalagens normalmente eu boto todas dentro de um saco e ponho na na área de serviço, naquela parte na varanda da área de serviço, na verdade. Então, ali elas passam uma semana e sim, antes de fechar o saco com as embala/ com as outras sacolas dentro, eu borrifo muito álcool, faço assim, uma melecada, e amarro e deixo lá. [...] Aí eu vou pegar uma sacola de lá que foi feito o supermercado uns dez, quinze dias atrás, aí aqui eu vou utilizar agora. (I29, Ceará, mulher, 48 anos).

Os resultados encontrados demonstram como as práticas de reuso encontram-se comprometidas por conta da preocupação com a possibilidade de transmissão do vírus SARS-CoV-2. Essas experiências podem ser exemplos tanto do que Ikiz et al. (2021) ressalta sobre implicações negativas nos fluxos de resíduos domiciliares, quanto no tocante à abordagem de Vanapalli et al. (2021) sobre as complicações da gestão de resíduos plásticos no enfrentamento à pandemia.

Atividades mentais e sentimentos relacionados à lavagem das sacolas para o seu posterior reuso se manifestaram na preocupação com os possíveis impactos do descarte desse produto, além de emoções negativas por ter mais essa atividade a ser cumprida:

Tinha saído na... na tevê, eu lembro assim, não eram, não eram especialistas, mas eram recomendações e aí [eles falaram] ‘ah, descartem as sacolas’ e eu acho isso assim, muito errado, sabe? Porque é plástico, né? E você comprando um volume grande, vem muita sacola e aí a gente optou também por limpar as sacolas e colocá-las pra secar, pra depois poder reutilizar essas sacolas. (I07, Ceará, mulher, 26 anos).

Aí eu me sinto frustrada e chateada porque toda vida tem que gastar parte do nosso tempo, do nosso dia pra poder, é, higienizar fruta e sacola [...] (I26, Ceará, mulher, 37 anos).

Outras palavras / expressões que transpareceram a motivação dos informantes para que essa prática fosse performada foram: “*evitar poluir o meio ambiente*”, “*sentir mais seguro*”, “*proteção*”.

Ao analisar o impacto da pandemia do COVID-19 nas práticas de reuso de sacolas de supermercado por meio das lentes das práticas empregadas por Shove et al. (2012), identifica-se um repentino aumento de sua pegada ambiental, seja por conta do aumento do seu descarte e conseqüente elevação da geração de resíduos, seja pela inserção de novos processos que possibilitem o seu reuso, cujo objetivo é a higienização em combate à contaminação pelo vírus. Esses novos procedimentos envolvem o aumento no consumo de produtos de limpeza, como a água sanitária e o sabão, acréscimo do álcool nessa rotina de desinfecção e elevação do consumo de água, o que sinaliza para grandes impactos no meio ambiente, através do uso de um recurso natural que se encontra em situação de ameaça de escassez e da liberação de substâncias poluidoras.

Frente às repercussões identificadas, este estudo evidencia as materialidades envolvidas nas tentativas de reuso das sacolas plásticas de supermercado, bem como suas performances e sentimentos, acendendo uma alerta para a possibilidade de incorporação de práticas de descarte por indivíduos que antes da pandemia tinham por hábito o reuso das sacolas. À vista disso, fica evidente a necessidade de incentivos regulatórios, legislações, investimentos em infraestrutura física e campanhas educativas que disseminem conhecimento e conscientização no tocante às práticas referentes à correta gestão dos resíduos domésticos no enfrentamento da pandemia do COVID-19 e já com vistas para o período pós-pandemia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo examinou o impacto da pandemia do COVID-19 no reuso de sacolas plásticas de supermercados entre consumidores brasileiros por meio das lentes das práticas. Mediante o procedimento metodológico de inspiração etnográfica foi possível construir, a partir dos relatos do cotidiano de 30 informantes, as mudanças no tratamento dado às embalagens plásticas de supermercado no enfrentamento ao COVID-19.

Essas alterações sofridas nas performances invariavelmente culminam em impactos ambientais, seja nas ocasiões de descarte das sacolas, seja na sua higienização para posterior reutilização. Para essa constatação foram explorados os elementos materiais envolvidos na

execução dessas práticas, os sentimentos que impulsionam esses comportamentos, bem como o conhecimento prático de seus praticantes.

Foi identificado que as práticas de reuso das sacolas plásticas de supermercado no contexto da pandemia do COVID-19 requerem uma maior carga de artefatos materiais que levam ao aumento de sua pegada ambiental e, assim, demonstra diferentes formas pelas quais esse contexto tem impactado na produção de resíduos domiciliares, no uso do recurso água, na contaminação do meio ambiente, além da mudança para comportamentos menos sustentáveis em detrimento da preservação da saúde dos indivíduos.

Estes resultados alertam para os desafios os quais governos, instituições e indivíduos terão de enfrentar na tentativa de reverter os efeitos danosos da pandemia nas metas de sustentabilidade e também contribuem para a literatura do comportamento do consumidor em contexto de crise, bem como no tocante aos resíduos domiciliares.

Como limitações do estudo tem-se a sua realização em apenas alguns estados brasileiros, entretanto, uma possibilidade de pesquisa futura diante desse fator é a sua ampliação para os estados nos quais ela não foi realizada. Outros itinerários de estudo sugeridos pode ser um comparativo da performance das práticas estudadas após o fim da pandemia, ou ainda entre indivíduos de outros países.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrelpe. (2019). *Panorama dos resíduos sólidos no Brasil 2018/2019*.
<https://abrelpe.org.br/download-panorama-2018-2019/>
- Abrelpe. (2020). *Recomendações para a gestão de resíduos sólidos durante a pandemia de coronavírus (covid-19)*.
- Agafonoff, N. (2006). Adapting ethnographic research methods to ad hoc commercial market research. *Qualitative Market Research: An International Journal*, 9(2), 115–125.
<https://doi.org/10.1108/13522750610658766>
- Ahamed, A., Vallam, P., Iyer, N. S., Veksha, A., Bobacka, J., & Lisak, G. (2021). Life cycle assessment of plastic grocery bags and their alternatives in cities with confined waste management structure: A Singapore case study. *Journal of Cleaner Production*, 278, 123956. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2020.123956>
- Alaszewski, A. (2006). *Using diaries for social research*. Sage.
- Ancat, & Pragma. (2019). *Anuário da reciclagem 2017-2018*. <https://ancat.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuário-da-Reciclagem.pdf>
- Bardin, L. (2014). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bourdieu, P. (2011). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 11ª.
- Lei nº 12.305 de 2 de Agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências., (2010).
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm
- Dunn, J., Caplan, A. J., & Bosworth, R. (2014). Measuring the value of plastic and reusable grocery bags. *Journal of Environmental Economics and Policy*, 3(2), 125–147.
<https://doi.org/10.1080/21606544.2013.870052>
- Elliott, R., & Jankel-Elliott, N. (2003). Using ethnography in strategic consumer research. *Qualitative Market Research: An International Journal*, 6(4), 215–223.
<https://doi.org/10.1108/13522750310495300>
- Filep, C. V., Turner, S., Eidse, N., Thompson-fawcett, M., & Fitzsimons, S. (2018). *Advancing rigour in solicited diary research*.
<https://doi.org/10.1177/1468794117728411>

- Geyer, R., Jambeck, J. R., & Law, K. L. (2017). Production, use, and fate of all plastics ever made. *Science Advances*, 3(7), 25–29. <https://doi.org/10.1126/sciadv.1700782>
- Gherardi, S. (2019). *How to conduct a practice-based study : problems and methods*. Edward Elgar Publishing.
- Giddens, A. (1984). *The constitution of society : outline of the theory of structuration*. University of California Press.
- Gogte, M. (2009). Are plastic grocery bags sacking the environment? *International Journal For Quality Research*, 3(4), 363–375. <http://www.ijqr.net/journal/v3-n4/08.pdf>
- Hagberg, J. (2016). Agencing practices: a historical exploration of shopping bags. *Consumption Markets and Culture*, 19(1), 111–132. <https://doi.org/10.1080/10253866.2015.1067200>
- Hargreaves, T. (2011). Practice-ing behaviour change: Applying social practice theory to pro-environmental behaviour change. *Journal of Consumer Culture*, 11(1), 79–99. <https://doi.org/10.1177/1469540510390500>
- Heidbreder, L. M., Bablok, I., Drews, S., & Menzel, C. (2019). Tackling the plastic problem: A review on perceptions, behaviors, and interventions. *Science of the Total Environment*, 668, 1077–1093. <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2019.02.437>
- Hui, A., Schatzki, T., & Shove, E. (2017). *The nexus of practices - Connections, constellations, practitioners*. Routledge.
- Ikiz, E., Maclaren, V. W., Alfred, E., & Sivanesan, S. (2021). Impact of COVID-19 on household waste flows, diversion and reuse: The case of multi-residential buildings in Toronto, Canada. *Resources, Conservation and Recycling*, 164(August 2020), 105111. <https://doi.org/10.1016/j.resconrec.2020.105111>
- Jambeck, J. R., Geyer, R., Wilcox, C., Siegler, T. R., Perryman, M., Andrady, A., Narayan, R., & Law, K. L. (2015). Plastic waste inputs from land into the ocean. *Science*, 347(6223), 768–771. <https://doi.org/10.1126/science.1260352>
- Klemeš, J. J., Fan, Y., Van, Tan, R. R., & Jiang, P. (2020). Minimising the present and future plastic waste, energy and environmental footprints related to COVID-19. *Renewable and Sustainable Energy Reviews*, 127(April). <https://doi.org/10.1016/j.rser.2020.109883>
- Martin-Neuninger, R., & Ruby, M. B. (2020). What Does Food Retail Research Tell Us About the Implications of Coronavirus (COVID-19) for Grocery Purchasing Habits? *Frontiers in Psychology*, 11(June), 1–4. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01448>
- Ministério do Meio Ambiente. (2017). *Curso de capacitação: sustentabilidade na administração pública*. <http://a3p.mma.gov.br/wp-content/uploads/Biblioteca/Documentos/Cartilha-formato-Web.pdf>
- Morales-Méndez, J. D., & Silva-Rodríguez, R. (2018). Environmental assessment of ozone layer depletion due to the manufacture of plastic bags. *Heliyon*, 4(12). <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2018.e01020>
- Nicolini, D. (2012). *Practice Theory, Work, and Organization: An Introduction* (OUP Oxford (ed.)). OUP Oxford.
- Nicolini, D. (2017). Practice theory as a package of theory, method and vocabulary: Affordances and limitations. In *Methodological Reflections on Practice Oriented Theories* (pp. 19–34). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-52897-7_2
- Noy, C. (2008). Sampling knowledge: The hermeneutics of snowball sampling in qualitative research. *International Journal of Social Research Methodology*, 11(4), 327–344. <https://doi.org/10.1080/13645570701401305>
- Ouhssine, O., Ouigmane, A., Layati, E., Aba, B., Isaifan, R., & Berkani, M. (2020). Impact of COVID-19 on the qualitative and quantitative aspect of household solid waste. *Global Journal of Environmental Science and Management*, 6, 41–52.

- <https://doi.org/10.22034/GJESM.2019.06.SI.05>
- Patrício Silva, A. L., Prata, J. C., Walker, T. R., Campos, D., Duarte, A. C., Soares, A. M. V. M., Barcelò, D., & Rocha-Santos, T. (2020). Rethinking and optimising plastic waste management under COVID-19 pandemic: Policy solutions based on redesign and reduction of single-use plastics and personal protective equipment. *Science of The Total Environment*, 742, 140565. <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2020.140565>
- Reckwitz, A. (2002). Toward a Theory of Social Practices: A Development in Culturalist Theorizing. *European Journal of Social Theory*, 5(2), 243–263. <https://doi.org/10.1177/13684310222225432>
- Rees, C., & Gatenby, M. (2014). ‘Critical realism and ethnography.’ In P. K. Edwards, J. O’Mahoney, & S. Vincent (Eds.), *Studying Organizations Using Critical Realism: A Practical Guide* (pp. 1–18). Oxford University Press.
- Ritch, E., Brennan, C., & MacLeod, C. (2009). Plastic bag politics: Modifying consumer behaviour for sustainable development. *International Journal of Consumer Studies*, 33(2), 168–174. <https://doi.org/10.1111/j.1470-6431.2009.00749.x>
- Sahakian, M., & Wilhite, H. (2014). Making practice theory practicable: Towards more sustainable forms of consumption. *Journal of Consumer Culture*, 14(1), 25–44. <https://doi.org/10.1177/1469540513505607>
- Schatzki, T. (2002). *The site of the social: A philosophical account of the constitution of social life and change*. Penn State Press.
- Schatzki, T. (2005a). Introduction : Practice Theory. In T. Schatzki, K. Cetina, & E. Von Savigny. (Eds.), *The Practice Turn in Contemporary Theory*. Taylor and Francis.
- Schatzki, T. (2005b). Practice mind-ed orders. In T. Schatzki, K. Cetina, & E. Von Savigny (Eds.), *The Practice Turn in Contemporary Theory* (pp. 50–63). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203977453-11>
- Schatzki, T. (2015). Spaces of Practices and of Large Social Phenomena. *Espacestemps.Net*, 1, 1–16. <https://www.espacestemps.net/en/articles/spaces-of-practices-and-of-large-social-phenomena/?output=pdf>
- Sharma, H. B., Vanapalli, K. R., Cheela, V. S., Ranjan, V. P., Jaglan, A. K., Dubey, B., Goel, S., & Bhattacharya, J. (2020). Challenges, opportunities, and innovations for effective solid waste management during and post COVID-19 pandemic. *Resources, Conservation and Recycling*, 162(July), 105052. <https://doi.org/10.1016/j.resconrec.2020.105052>
- Sheth, J. (2020). Impact of Covid-19 on consumer behavior: Will the old habits return or die? *Journal of Business Research*, 117, 280–283. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2020.05.059>
- Shove, E. (2003). Converging Conventions of Comfort, Cleanliness and Convenience. *Journal of Consumer Policy*, 26, 395–418.
- Shove, E., Pantzar, M., & Watson, M. (2012). *The dynamics of social practice: Everyday life and how it changes*. Sage.
- Spaargaren, G. (2011). Theories of practices: Agency, technology, and culture. Exploring the relevance of practice theories for the governance of sustainable consumption practices in the new world-order. *Global Environmental Change*, 21(3), 813–822. <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2011.03.010>
- Thomas, G. O., Sautkina, E., Poortinga, W., Wolstenholme, E., & Whitmarsh, L. (2019). The english plastic bag charge changed behavior and increased support for other charges to reduce plastic waste. *Frontiers in Psychology*, 10(FEB), 1–12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00266>
- UNEP. (2018). *Single-use plastics: A Roadmap for Sustainability*. https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/25496/singleUsePlastic_sustainability.pdf

- UNEP. (2019). *Addressing marine plastics: A systemic approach -Recommendations for action*.
[https://www.greengrowthknowledge.org/sites/default/files/downloads/resource/Addressing Marine Plastics- A Systemic Approach – Recommendations for Actions.pdf](https://www.greengrowthknowledge.org/sites/default/files/downloads/resource/Addressing%20Marine%20Plastics-%20A%20Systemic%20Approach%20-%20Recommendations%20for%20Actions.pdf)
- Vanapalli, K. R., Sharma, H. B., Ranjan, V. P., Samal, B., Bhattacharya, J., Dubey, B. K., & Goel, S. (2021). Challenges and strategies for effective plastic waste management during and post COVID-19 pandemic. *Science of the Total Environment*, 750, 141514.
<https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2020.141514>
- Warde, A., Welch, D., & Paddock, J. (2017). Studying consumption through the lens of practice. In *Routledge Handbook on Consumption* (pp. 25–35). Taylor & Francis Group.
- WHO. (2020). *Report of the WHO-China Joint Mission on Coronavirus Disease 2019 (COVID-19)*. [https://www.who.int/publications/i/item/report-of-the-who-china-joint-mission-on-coronavirus-disease-2019-\(covid-19\)](https://www.who.int/publications/i/item/report-of-the-who-china-joint-mission-on-coronavirus-disease-2019-(covid-19))
- Wit, W. de, Hamilton, A., Scheer, R., Stakes, T., & Allan, S. (2019). Solucionar a poluição plástica: Transparência e responsabilização. In *WWF: Fundo Mundial para a Natureza* (p. 50). https://jornalismsocioambiental.files.wordpress.com/2019/03/plastic_report_02-2019.pdf
- Yin, R. K. (2014). *Case study research: design and methods* (5th ed.). Sage.
- Zimmerman, D., & Wieder, D. (1977). The diary: diary-interview method. *Urban Life*, 5(4), 479–498.